EVOCAÇÃO DOS MORTOS

"Sê como a árvore do Sândalo. Abatida, perfuma o machado que a feriu." (*Provérbio japonês*)

HENRIQUE GONZALEZ

Entre as primeiras pessoas do Instituto a que logo tive aproximação figura Hugo Víctor.

Homem simples, modestamente vestido, *doublé* de jornalista e funcionário dos Telégrafos, somava aos seus títulos o de bacharel em Direito, o de escritor, voltado de corpo e alma aos fastos da história do Ceará.

A capital me havia surpreendido por todos os cantos, não só o céu de tonalidade tão clara, como o mar, as jangadas, sobretudo os edifícios, pois eu só vira no Recife um velho prédio com o nome exagerado de arranha-céu da pracinha...

O deslumbramento caleidoscópico se graduava à proporção do meu avanço, do contato com o povo, nas ruas, nos Correios, nas lojas, em tôda parte um acolhimento franco, estranho, e aquilo me dava a impressão de ser velho conhecido.

Minha finalidade era de obter dados sôbre as capitais e se, na Bahia, encontrei quem me recebeu com franqueza fora do comum, no Ceará tive um maior círculo, porque todos me acolheram bem, sem o formalismo inicial, onde as palavras paralisam...

Participei, embora que por momentos, duráveis e perduráveis, da satisfação do estudioso Hugo Víctor, quando me comunicava, com a emoção do seu feitio, os detalhes históricos do Ceará. Entre êles me lembro do caso Abel, o incidente havido com Gonçalves Dias por ter protegido um pobre caboclo portando um terçado. Preocupava-se o secretário do Instituto com tudo que dizia respeito à terra, que, não sendo sua, pois ali não mamara o leite da ternura, era-o a do seu coração.

Começou a catalogar os macróbios falecidos no Ceará, descendentes dos índios que iam além da casa dos cem anos, juntando grande número dêles, e assim ofereceu um documentário curioso e histórico sôbre a longevidade naquele tempo.

Foi sua preocupação constante cultivar o sentimento telúrico da gleba cujas mensagens êle nos dava com o entusiasmo da sua pena fácil.

Feliz daquele povo que ainda tem um punhado de homens exumando as cinzas do passado para contar, em livros, em jornais, em publicações de todo gênero, o que aconteceu. A História, portanto, é uma experiência viva, que nos oferece detalhe da paisagem, o movimento, a côr, o tempo, tudo quanto ocorreu, ou como fato doloroso ou como acontecimento feliz.

Hugo Víctor viveu enternecido, enamorado, no vaivém das ruas, articulando os fatos, as cenas, em crônicas, em obras meditadas, dando um pouco de si para aquilo que êle julgava belo, imperecível.

Embevecia-se nas fontes históricas, nos veios, nas piçarras, onde se lhe deparava o filão, que explorava para extasiar, preocupar o leitor no encanto da leitura.

Perdi-o de vista no tumulto dos anos. E um dia vim encontrá-lo em Campinas, São Paulo. Viera para as comemorações de Carlos Gomes. Estava abatido. Queixava-se em surdina. Voltou para Fortaleza.

E ali mesmo em Campinas, noutra viagem, recebo com tristeza a notícia da sua morte, a perda do amigo, do jornalista, do intelectual, que comungava comigo os mesmos ideais, as mesmas preocupações, o mesmo desprendimento.

Entre os mortos do Instituto outro que conheci bastante foi João Nogueira, por quem tive muita afeição.

Curiosa personalidade, sósia do conhecido presidente do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, tinha a mesma aparência, no trajar, no biótipo, na bengala que o acompanhava, nos gestos, na magreza, na altura, em tudo a semelhança era evidente. Posso dizê-lo porque muitas vêzes vi o ditador ao sair do palácio, a pé, tirando o chapéu a qualquer transeunte.

A única dessemelhança era o gênio. João Nogueira foi sempre alegre, *causeur*, e Borges de Medeiros circunspecto.

Apesar de septuagenário, mantinha o culto do pai com a mesma meiguice da criança de poucos anos. Isso é raro.

Sincero, de nobres sentimentos, ocupava-se tão de perto com a reverência do passado que foi ao cemitério, *sponte sua*, recolher os restos mortais do Ferreira Boticário.

Guardava o nome antigo das ruas, dos fatos, mesmo que fôssem de pouca evidência, e depois. em crônicas, reconstituía tudo. Era o Vieira Fazenda cearense, escrevendo sôbre os lampiões a gás, os

frades-de-pedra onde se amarravam os cavalos, as rótulas, os escravos, aquilo que desaparecera na voragem das idades.

Comprazia-se em contar o estranho costume de outras eras: as crianças de bandeja. Eram os meninos recém-nascidos que as avós, as mães, as tias, apresentavam aos vizinhos numa bandeja, satisfazendo a curiosidade dos conhecidos, a bisbilhotice das vizinhas, as dúvidas das línguas-compridas, que queriam ver se o menino era realmente a cara do pai...

João Nogueira sabia-o transmitir com os gestos, com a palavra mansa, com a ironia nos olhos, mas não descambava para o chulo, apenas fazia render a mordacidade.

Franzino, poder-se-ia dizer que era de papel de sêda, porque sua voz tinha uma ressonância frágil. Era, no entanto, resistente, em face talvez à vida moderada que levava.

Uma das suas características foi a simplicidade no falar, no andar, no escrever pontos condizentes com sua aparência tão tranqüila.

Ao falar-se no nome Pedro saía-se com esta, do folclore cearense:

> Pedro,
> nem tê-lo
> nem mantê-lo,
> e se fôr prêto,
> vendê-lo.

Não era cousa nova porque Capistrano também escrevera isso na sua correspondência.

Certa vez, no Instituto, falou-me sôbre versos do século XVIII, que ia deixar no hotel, para mim. Realmente, recebi-os mas já eram velhos conhecidos, pois foram apensos aos documentos da Inconfidência mineira, e estão num dos volumes dos Autos da Devassa.

Dêsse velho amigo também me separei. Noutra passagem pelo Ceará soube que morrera.

Houve outro entre os mortos, com que não privei de perto, mas conheci-o, com êle mantive palestra, e disso me ficou a lembrança, pela sua indumentária do princípio do século, uma casaca azul de abas redondas, e uma barba semelhante à de Afonso Pena. Era o desembargador Gurgel de Alencar, autor da "Corografia do Ceará".

Alegre, picaresco, estava afiado no anedotário local, que João Nogueira chamava com justeza de Ceará moleque.

Certa vez contei-lhe o caso de Domingos Afonso Certão, desbravador do Piauí, a quem depois de morto tinham forjado um testamento *sui generis*. Para surtir o efeito desejado veio o escrivão com livro competente, vieram as testemunhas, e outros. O homem já

havia transposto o Aqueronte há muito tempo, mas o testamenteiro, com o cadáver na cama, por detrás, movimentava a cabeça do defunto, a quem queria impingir por *in extremis*.

O escrivão lia o trecho do testamento e o outro, dando feição à cena, dizia, numa voz muito rouca:

— De acôrdo!

Gurgel de Alencar ouviu calado a anedota, depois contou-nos outra, de característica mais local, que até nos pareceu a mesma. A única diferença é que o legítimo herdeiro, quando ouviu tudo e não tocaram no seu nome, gritou:

— E pra mim, nada?

O testamenteiro, danado da vida, pegou bruscamente numa parte do defunto e gritou:

— Pra você deixou isso!

Era sem dúvida uma anedota melhor, porque no passado cultivou-se muito o gênero, principalmente entre intelectuais. Gonçalves Dias, no Maranhão, diz-nos Antônio Henriques Leal, que foi seu amigo, contava uma do capitão blasfemo que, advertido por um bispo que vinha a bordo, sôbre o palavreado durante uma tremenda tempestade, em pleno mar, modificou o tratamento com os marinheiros, mas o caso é que, com a troca, o barco tinha piorado, o comandante pediu perdão a Sua Eminência, e começou aos gritos, a chamar seu filho dêste, seu filho daquele, e assim conseguiu salvar-se. Triste ironia do destino: o querido poeta dos Timbiras, no naufrágio ocorrido defronte do Maranhão, foi a única pessoa que não se salvou.

Homens de bom humor houve sempre no Ceará, e aqui morreu um, também amigo, que contava boas da terra. Foi o professor Monteiro de Moraes.

Sumiu-se Gurgel de Alencar na voragem do tempo mas deixou a lembrança do seu espírito folgazão.

Todos os sábados eu me encontrava, quando em Fortaleza, com Joaquim Alves, no Instituto. Escutava, calado, aparentando indiferença, mas de repente estourava a gargalhada intermitente, tão conhecida de todos. Nunca tive muita intimidade com êle, mas conversava, cumprimentava-o, e comecei a senti-lo mais perto quando êle passou a freqüentar o Fortaleza Hotel onde eu me hospedava. Tipo curioso, profundamente integrado nos problemas do Ceará, nas sêcas, no misticismo das regiões, o professor Joaquim Alves era respeitado pelo seu saber, pela sua capacidade, entretanto, simulando uma sisudez que não era sua, ria-se desbragadamente.

Joaquim Alves também seguiu o destino de todos nós, mas deixou saudades em cada criatura que o conhecia.

Também privei com Eusébio de Sousa mas nunca o vi no Instituto, apesar de tudo, sua colaboração sempre foi franca.

Com êste, a distância, sem uma intimidade maior, apenas conversei muitas vêzes, e dêle conservo um cartão que me mandou.

Deixou-me uma impressão agradável, duradoura, porém, o fato de não tê-lo visto de perto, discutindo, contando anedotas, relatando fatos, nada dêle me lembro.

Quanto ao Leota, não o conheci. Teria imensa satisfação em ouvi-lo, êle que era o rei do anedotário, cuja palavra arrebatava os auditórios. Em compensação conheço Câmara Cascudo e suponho que o Leota deveria ser como o príncipe dos folcloristas: irônico, encantador como *causeur*, vivo, dispondo de um arsenal de casos interminável, de sabor nordestino. O Leota deveria ser apenas mais boêmio.

Dêle tive notícia em Minas Gerais, no hotel de um homem que se chamava Maleta.

*
* *

A pobreza do encantamento não tem palavras. Repito a frase de Alencar:

"Tudo passa sôbre a Terra."